

## Vida e trabalho: conteúdos existenciais para idosos que viveram o século XX

*Life and Work: existential meanings for old people who lived in the 20th century*

Marta Eugenia Fontenele Pimenta

**RESUMO:** Este artigo analisa a temática do trabalho nas narrativas de velhos alfaiates, quando convidados a falarem de suas trajetórias de vida, por meio de processos de reminiscências. O estudo contou com a participação de alfaiates – entre 65 e 98 anos –, tendo em comum a prática do ofício, no contexto do século XX. À luz da Gerontologia, o estudo evidencia que esses trabalhadores idosos, ao falarem de si apoiam-se na temática trabalho (vida laborativa), como uma espécie de fio condutor para organizarem e estruturarem suas memórias, configurando um estado de unissonância entre vida e trabalho.

**Palavras-chave:** Memória; Envelhecimento; Trabalho.

### **ABSTRACT**

*This article analyses the topic of work in the narratives of elderly retired tailors, when asked to speak about their lives by means of reminiscences. The research was developed with the participation of tailors whose age varied from 65 to 98, having in common the practice of their jobs in the twentieth century. In the light of gerontology the research gives evidence that these old men, when speaking about themselves, back up on the topic work (working life). They use it as a guideline to organize and structure their memories creating a state of harmony between life and work.*

**Keywords:** Memory; Ageing; Work.

A intenção deste artigo<sup>1</sup> é lançar luz sobre a unissonância entre vida e trabalho, como marca discursiva observada nas narrativas de trabalhadores artesanais idosos, os quais tiveram como contexto social a tenacidade do século XX e, com ele, o ideário de vida urbano e a premência de transformações no mundo do trabalho e nas práticas de interações humanas. Os resultados aqui apresentados fazem parte do *corpus* de pesquisa realizada com alfaiates – com idade entre 65 e 98 anos – estruturada por três eixos: o envelhecimento, a memória e o trabalho, tendo como metodologia a História Oral.

Utilizaremos neste artigo, o termo *velho* ao nos referirmos aos participantes da pesquisa. Para esta escolha, nos afiliamos ao pensamento de pesquisadoras da Gerontologia que contribuem em seus estudos para oferecer um olhar crítico entre o emprego do termo *velho* e o uso corrente das expressões “terceira idade”, “melhor idade”, “viva idade” etc., em nosso entender, atenuantes que não correspondem a uma atitude desprovida de carga preconceituosa, constituindo-se, em certa medida, como afirmações de negação da realidade do velho. Debert (1998) e Peixoto (1998), por exemplo, apontam para os registros de novos vocabulários no trabalho de categorização desta etapa da vida. Os estudos alertam para o fato de que é típica a transformação do envelhecimento em problema social e, por conseguinte, a criação de novas definições para a pessoa velha ou ainda ações para a negação da velhice:

Se não houvesse preconceito, não seria necessário disfarçar nada por meio de palavras. Se as palavras parecem assumir conotação negativa ou pejorativa, o problema não está nelas, mas nas razões pelas quais elas tiveram seu significado modificado. Se as várias realidades da velhice e do processo do envelhecimento fossem bem conhecidas, não seria necessário temê-las, evitá-las ou negá-las. (Neri & Freire, 2000: 14)

No primeiro momento do texto, teceremos algumas considerações sócio-históricas sobre o termo *trabalho* na tessitura social e a seguir abordaremos aspectos

---

<sup>1</sup> Artigo baseado em dissertação de mestrado, intitulada: *Memórias de Alfaiates: Significados de Vida e Trabalho*, defendida em 2008, pelo Programa de Pós-Graduação em Gerontologia, na Faculdade de Ciências Médicas, Unicamp, Campinas (SP), Brasil.

conceituais sobre o *sentido da vida*. Para a terceira parte do artigo, reservamos as especificidades no que diz respeito à interpretação das narrativas.

Inserir o conteúdo *trabalho* no exercício de uma melhor compreensão da velhice nos parece uma maneira objetiva de não esquecermos que, na sociedade contemporânea, a maior parte da existência de uma pessoa é dedicada à atividade laborativa. É bem verdade, esta engenharia vem sendo alterada neste início de milênio, sobretudo pelos reflexos impostos pelas novas tecnologias instauradas numa realidade conjuntural denominada pelo cientista social Manuel Castells (2005) como sendo a *sociedade informacional*, pautada pelo global, o funcionamento em rede e o informacionalismo.

Ao considerarmos que a velhice é o resultado de todos os anos que a antecedem, admitimos que somos, na velhice, o resultado de um *continuum* que sofreu intempéries, adquiriu conhecimentos e experiências, sofreu, amou, errou, acertou; enfim, somos o que somos por tudo aquilo que pudemos vivenciar. Logo, para sujeitos que dedicaram 12, 14 horas de seu tempo a uma atividade profissional, durante longos anos de sua vida adulta e produtiva, o termo *trabalho* pode representar muito numa análise comprometida pela busca de identidades e visões de mundo.

Para além da etimologia do termo, queremos neste estudo aproximar o conteúdo *trabalho*, no sentido laborativo, à experiência do viver e do envelhecer. Necessário se faz ancorar o termo *trabalho* em bases teóricas, uma forma de legitimarmos sua apropriação numa discussão na área de envelhecimento. Vejamos que, para a economia política, a conceituação aplicada ao termo *trabalho* pode ser entendida como toda a atividade humana, auxiliada ou não por máquinas, que se caracteriza como fator essencial da produção de bens e serviços.

Na lógica da sociedade capitalista, o sujeito social é na maioria das vezes identificado não pelo “quem é”, mas como citou Arendt (1981), a própria linguagem induz ao “o que alguém é”, indagação que coloca a profissão, o trabalho, como índices definidores da identidade social de uma pessoa. Na vida cotidiana, não raro, as pessoas definem a identidade de outra complementando ao nome próprio, a profissão, ou o lugar onde a pessoa trabalha. Não raro, dizemos: “o seo João açougueiro”, “o seo Antonio contador”, “a professora Amanda”, e tantos outros.

Muito já foi dito sobre o *trabalho*, um tema que colocado à mesa, sempre desperta controvérsias. Enquanto para uns escraviza, para outros liberta. Pode ser sinônimo de bem-aventurança, como também ser passível de configurar-se em algo

enfadonho. Ao mesmo tempo em que promove bem-estar, constitui-se fator gerador de estresse e exploração. Numa linha menos poética do lugar do trabalho na morfologia da vida social, Russell (2002) – o filósofo racionalista inglês, em sua clássica obra *O Elogio ao Ócio* – defende que a crença na virtude do trabalho e na convicção de que ele é o caminho para a prosperidade e a felicidade tem causado muitos malefícios na vida moderna. Talvez o melhor parâmetro de situar a atividade do trabalho em relação ao ser humano seja a de não colocá-lo, nem tanto ao céu, nem tanto à terra, pois nos seus extremos, os impactos, certamente, não de vir.

Investigando as psicopatologias do trabalho, com ênfase nas relações entre trabalho e saúde mental, o médico e pesquisador Déjours (1992) tem proposto, por meio de farta produção bibliográfica, uma nova lente para examinar as repercussões da atividade laborativa na vida das pessoas. Para ele, a subjetividade é elemento central a ser levado em conta quando se pretende alcançar um maior aprofundamento sobre a significação do conteúdo *trabalho* na vida do sujeito, sendo necessário dispor de recursos da psicanálise individual:

Considerando o lugar dedicado ao trabalho na existência, a questão é saber que tipo de homens a sociedade fabrica através da organização do trabalho. Entretanto, o problema não é, absolutamente, criar novos homens, mas encontrar soluções que permitiriam pôr fim à desestruturação de certo número deles pelo trabalho. (Dejour, 1992: 139)

Desta maneira, considerando a ordem socioeconômica vigente no século XX, o sujeito trabalhador, queremos crer, esteve orientado por uma dinâmica social estruturada na economia em escala industrial, na ansiedade permanente pela inovação e pela lógica de que a ascensão – econômica e social – requeria a intensidade do trabalho na ordem familiar e nas bases estruturais daquela sociedade. Faz-se necessário um breve recuo histórico sobre a origem desta ordem vigente, qual seja, o século XIX, o período de desenvolvimento do capitalismo industrial, no qual se tem, ao lado do crescimento da produção, outros fenômenos como o êxodo rural e a concentração de novas populações urbanas. Com efeito, do homem do século XX esperava-se produção, cadência, aceleração, impulso, abertura e disposição para o novo, para o porvir.

Numa perspectiva de nos valermos das lembranças de pessoas velhas, como possibilidades de abrirmos “janelas” para uma melhor compreensão do tempo presente, julgamos relevante entender um pouco mais acerca da ligação do velho à memória do trabalho e à característica de falar de si, recorrendo aos referenciais de sua vida produtiva. Neste particular, ao identificar o contexto vivido por estas pessoas tem especial relevância o postulado do pensamento marxista – o homem como ser social é um produto do meio – que responde à demanda, a saber: para se conhecer o homem é indispensável ler o mundo no qual ele se insere. Neste trabalho, além de dialogarmos com pessoas idosas, nos relacionamos com sujeitos sociais que vivenciaram uma lógica em que as interações do homem se vinculavam à ordem subjetiva, porém latente: a orientação estandardizada para o que deveria ser efetivamente produtivo, o que deveria ser útil para a sociedade.

O trabalho é nosso fato social total. Ele estrutura não somente nossa relação social fundamental. Ele é, sobretudo, o centro de nossa visão de mundo depois do século XVII. Trata-se de uma categoria construída que nasce de uma situação sócio-política particular. (Meda, 1995: 26, *apud* Nardi, 2006: 31)

Os sujeitos integrantes deste estudo são em sua maioria descendentes de imigrantes italianos, com origem familiar estruturada pela condição de pais colonos, trabalhadores rurais em sítios e fazendas no interior paulista, fator que confirma o movimento de deslocamento do homem do campo para as cidades, fortalecendo o ideário de vida urbana e os registros simbólicos de uma sociedade capitalista. Todos relatam que o encontro com o trabalho se deu muito cedo em suas vidas, ainda quando meninos, que corriam pelos cafezais nas primeiras horas da manhã para chegarem às pequenas vilas e, como aprendizes, se iniciarem no ofício da alfaiataria. Vale sublinhar que estas lembranças, ou seja, *a infância e o trabalho na infância* orientam as primeiras falas dos relatos dos cinco informantes.

Outro aspecto que julgamos importante sublinhar nesta contextualização sócio-histórica é a carga de contradição que vai permear o universo do mundo do trabalho dos alfaiates desta pesquisa, uma vez que no campo do pragmatismo trata-se de profissionais que sobreviveram do trabalho feito com as mãos, o que implica reconhecer que são remanescentes de um saber de tradição medieval. E é esta herança do ofício – e

de toda a carga de significados que lhe é própria – que aparecerá dialogando com uma ordem social em que as relações de trabalho assumem a forma contratual, que gera o “emprego” e, por conseguinte, instaura a integração por excelência da sociedade salarial, onde o trabalho manual terá pouco ou quase nenhuma visibilidade. Pesquisadores franceses, como Delamotte (2002), ao discutirem criação e trabalho recuperam o pensamento de oposição existente entre trabalho criativo e trabalho taylorizado:

Esses dois tipos constituem as extremidades de uma escala de classificação das atividades e profissões, do mais prestigiado ao menos valorizado. É dessa forma que Hannah Arendt, por exemplo, efetua uma separação entre o trabalho, a ação e a obra e o operário surge como o *homofaber* por excelência, isto é, aquele que transforma diretamente a natureza por meio do seu trabalho. (Delamotte, 2002: 98)

Este autor argumenta ainda que a criação está carregada de sentido na medida em que está diretamente vinculada à atividade. Então, a ação pessoal na forma do trabalho artesanal passa a ser altamente valorizada, enquanto no mundo industrial a regra é a divisão e a fracionalização do trabalho, o que não significa também imaginar que o valor do ofício, assim posto, em contraposição ao trabalho industrial, seja uma realidade clara para os informantes desta pesquisa. Esta percepção, a da valorização do ofício, não é captada por eles na avaliação que fazemos dos relatos de nossos informantes. Principalmente se considerarmos as reações dos informantes logo no início do estudo, nos contatos preliminares. Era comum demonstrarem-se surpresos diante do interesse de uma pesquisa científica centrada nas suas vidas e no ofício. Assim, lançavam a indagação de estranhamento:

– *Mas por que a senhora (dirigindo-se à pesquisadora) quer saber sobre isso?*

Com o passar do tempo, como se tivessem se acostumado a falar de sua profissão os interlocutores ganharam desenvoltura, foram tornando-se verdadeiros participantes e por que não dizer co-autores deste estudo. Queremos crer que o estranhamento manifestado pelos sujeitos da pesquisa revela o esvaziamento de sentido que a sociedade industrial em alta escala imprimiu em diversos setores da vida social no século XX. O âmago deste mundo, no qual viveram estes velhos trabalhadores manuais,

foi matizado também pela premência da transformação, do pós-guerra, da mudança do campo para o mundo urbano, da industrialização, da competição.

Falar de sentido, de busca de *sentido para a vida* do homem como ser social tem sido tão necessário quanto importante para os estudos no campo do envelhecimento. Nos dias atuais, na sociedade da informação, do conhecimento, do tempo real, e de todas estas denominações que se abrigam no ‘guarda-chuva’ do que se convencionou chamar de pós-modernidade, decifrar o sentido da vida passa por entender-se a figura humana como personagem que convive com um ritmo alucinado de mudanças nos mais variados campos: nas relações pessoais, de trabalho, no questionamento de valores e na prevalência de simulacros. Verdade é que a humanidade sempre esteve em busca de definições acerca do sentido de sua existência. Um dos estudiosos que contribuíram para que o sentido da vida ganhasse um embasamento teórico foi o psiquiatra Frankl<sup>2</sup>, o qual partindo de sua experiência médica – e como ex-prisioneiro de um campo de concentração – formulou conceitos que atribuem como a principal força motivadora do homem, a busca e a descoberta de sentido.

Debruçadas sobre os estudos e pesquisas existentes acerca de sentido da vida, Freire e Resende (2001), afirmam que o tema vem sendo considerado por muitos pesquisadores um item fundamental, a ser levado em conta nas avaliações de saúde psicológica e na qualidade da existência das pessoas. Recorrendo a diversos pesquisadores, as autoras citam o estudo realizado por Debats (1999)<sup>3</sup>, no qual a vida profissional figura na lista dos conteúdos atribuídos como fonte relevante para o sentido pessoal de vida. Apesar de Debats (1999) ter desenvolvido a pesquisa com jovens na faixa etária entre 20 e 23 anos, o resultado é bastante interessante para as reflexões do envelhecimento, uma vez que fornece subsídios para pensarmos se o significado que a vida profissional ocupa na vida do jovem se mantém na velhice.

Tomando como base a intrínseca relação entre o mundo dos velhos e o mundo da memória, ou mais claramente como referiu Bobbio (1997), “*o mundo dos velhos, de todos os velhos, é, de modo mais ou menos intenso, o mundo da memória.*” (p. 30), ao analisarmos os relatos de vida de velhos alfaiates, dentre as temáticas de maior

---

<sup>2</sup> Viktor Frankl é psiquiatra, considerado o fundador da logoterapia, terapia embasada no sentido da vida. Para ele, o sentido da vida prepara o ser humano para manter a saúde mental e sua integridade, mesmo em condições adversas, enquanto que a ausência em encontrar sentido para a vida favorece o desenvolvimento de neuroses e adoecimentos.

<sup>3</sup> Ver também Debats, D. L. (1999, outono) Sources of meaning: An investigation of significant commitments in life. *Journal of Humanistic Psychology* 4 (39).

recorrência, notamos que, no curso narrativo, a ênfase entre *vida e trabalho* se mostrou muito significativa. Tal observação despertou interesse mais acurado na análise dos relatos, não apenas porque os informantes desatam o fio de suas narrativas pelo tempo da infância e pelo fato que começaram a trabalhar quando eram meninos, mas, sobretudo porque a cadência da narrativa, passando pela vida adulta e produtiva, até chegar às suas velhices é ritmada pelo conteúdo do trabalho (vida laborativa). Cremos que a somatória destas características peculiares ao século XX nos fornece recursos para refletirmos sobre o modelo de narrar adotado pelo velho alfaiate, o qual ao falar de si organiza um discurso unissonante, em que trabalho e vida caminham juntos, pela infância, na vida adulta, nos eventos de vida, seja no nascimento, no casamento, na conquista, na perda, na morte.

Retomando a questão da estrutura narrativa dos informantes, consideramos válido lembrar que na formulação de nosso roteiro de entrevista optamos por questões abertas, que serviriam mais como ponto de apoio e norteamento da conversação do que como inflexões fechadas de um questionário. Não obstante o informante ter recebido previamente todo o esclarecimento necessário sobre a intencionalidade da pesquisa, ou seja, eles sabiam que se tratava de um estudo a respeito do ofício de alfaiate nas suas vidas, ao iniciar a entrevista a fala do pesquisador era posta no sentido de: – “*Então, conte-me sobre sua vida*” e não – “*Fale-me sobre o ofício de alfaiate na sua vida*”. A partir desta questão, ampla, o informante organizava, a seu modo, a narrativa.

Passamos a partir deste trecho a discorrer acerca da interpretação possível das narrativas. Ao transcrevermos as entrevistas, passamos a enxergar com maior clareza o relevo dado pelos informantes à conjugação entre vida e trabalho, o que pode ser desdobrado também pelo viés: os alfaiates falam de suas vidas apoiando-se no trabalho, como um conteúdo existencial e social. A atenção dispensada neste estudo ao aspecto da unissonância entre vida e trabalho, evidenciado na estrutura narrativa destes velhos profissionais do trabalho manual nos motivou ainda a pensar que seja possível existir uma intencionalidade – mesmo que subjetiva – dos velhos alfaiates na direção de, mediante o ato da entrevista, organizarem experiências individuais para um exercício de reconstrução de sua autoimagem.

Considerando, pois, que homem, sociedade e trabalho constituem um universo de transformação, que se renova, se altera, retroage ou se expande, queremos com este estudo direcionar um olhar para uma etapa da vida em que o conteúdo *trabalho*, na prática cotidiana, deixa de fazer parte da existência da pessoa idosa. Mas nos instiga a



investigar sobre qual seria o seu ancoradouro quando olhamos para o tempo da senescência. Falamos do nosso interesse em buscar novos indicadores acerca do lugar que seria dado ao trabalho por indivíduos velhos, que viveram intensamente esta relação homem-trabalho, mas que em determinada altura de suas existências, mantêm-se em sociedade, mas lidam com a variável tempo e espaço de maneira diferente à prevalente na organização do tempo do trabalho.

Se no presente convivemos com o não-trabalho, ou seja, se é cada vez mais tardia a idade para o jovem iniciar a vida profissional, no século XX, o trabalho relacionado à vida do indivíduo ocupou um papel central, instaurando-se na vida das pessoas muito cedo. Para as classes menos favorecidas, comumente, ainda na primeira infância. De maneira generalista, mas nem por isso exacerbada, podemos dizer que o homem do século XX viveu para o trabalho. Seria este homem mais feliz? Seria este homem mais realizado? Diante do binômio vida-trabalho, poderíamos listar muitas indagações, mas nos propomos – ancorados pelas memórias dos velhos alfaiates –, uma reflexão mais vinculada ao propósito do conhecimento no campo da Gerontologia.

Pensar na possibilidade de a vida laborativa constituir-se em um conteúdo de significado específico para o velho, flui da análise das narrativas, da recorrência com que a temática figura na reconstituição das trajetórias de vida dos velhos alfaiates com os quais trabalhamos. Percepção esta que encontramos em Pollack (1992) ao dizer que por sua natureza, a solidificação da memória marca o discurso, a tal ponto que impossibilita mudanças, sendo comum no decorrer de uma entrevista de história de vida, os entrevistados se referirem várias vezes aos mesmos acontecimentos, a certos fatos.

De forma geral o trabalho se interpõe na vida do indivíduo e da sociedade criando uma fronteira complexa, pois ao mesmo tempo em que é traduzido como fonte geradora de bem-estar, impulsionador de riquezas e realizações (no plano individual), pode também ser associado ao desprazer, à insatisfação por oferecer perda de qualidade de vida ou adoecimentos crônicos. O que nos faz entender que as memórias sobre o conteúdo trabalho, quando provocadas numa experiência de reminiscências com velhos, podem causar ao sujeito repercussões tanto positivas como negativas. Enquanto para uns o ato de rememorar o passado traz conforto e até a oportunidade de uma revisão de vida numa dimensão afirmativa de sua ocupação profissional, para outros representa o reencontro com momentos difíceis, de tensões e conflitos. “*Se eu pudesse, eu queria esquecer tudo dessa época*”, confessou um de nossos alfaiates da pesquisa.

O elemento determinante passa a ser única e exclusivamente os recursos individuais e de como, com seus recursos, elaboraram as alegrias, decepções, frustrações, enfim, como construíram a sua interioridade. A leitura que fazemos das narrativas dos informantes nos leva a uma suposição que pode ser uma característica de o homem velho narrar a sua vida a partir “do que ele foi” na vida produtiva e social. Numa aspiração de uma síntese podemos pensar em: pelo meu trabalho, falo de mim e de minha vida. A este aspecto do discurso – que cola o trabalho às narrativas da vida – do velho, temos chamado de unissonância entre vida e trabalho, numa tentativa de demarcar estas temáticas como merecedoras de maior atenção e investigação nos estudos sobre a velhice.

Acrescentamos também a este raciocínio, o necessário questionamento sobre a especificidade do trabalho manual, do trabalho artesanal, concretizado pela concertação dos gestos, das mãos, e do conjunto de operações dos sentidos, do conjunto sensorial. Narramos nossas vidas evocando nossas memórias, a partir da identidade que edificamos de nós mesmos, pelo ato do trabalho, pela constituição da vida laborativa. Se admitirmos que, em menor ou maior grau, o trabalho molda o corpo, molda o discurso social do homem e confere determinados significados de vida aos velhos, podemos imaginar que esses fatores, devidamente combinados com aspectos biológicos e genéticos, podem concorrer para uma velhice com mais autonomia, bem-estar subjetivo e mais qualidade de vida.

Boa disposição física e estado de espírito em harmonia seriam resultados da maneira como o trabalho foi inserido na vida de uma pessoa e de como ela elaborou sua percepção de mundo, estabeleceu relações, enfim construiu um repertório de recursos positivos na sua velhice. Com efeito, tenho observado nos últimos anos, situações de velhos que no passado (na sua vida produtiva) trabalharam em atividades artesanais, ou trabalhos essencialmente de operações manuais, e constato o mesmo perfil, qual seja, se revelam pessoas que demonstram saber mobilizar o maior número de recursos de enfrentamento, superando limitações para executar bem as Atividades da Vida Diária (AVD's), demonstrando bons níveis de desempenho físico, cognitivo e manutenção de práticas de sociabilidade.

Ao entrevistarmos os velhos alfaiates encontramos, além do discurso carregado pela ação e centralidade do trabalho em suas trajetórias de vida, outras temáticas como a infância, fazendo emergir o cotidiano e nele, novamente, a reparação das memórias envolvendo a vida laboral. É narrando a vivência como aprendiz na infância que os

alfaiates evocam reminiscências, configuram suas condições de menino, jovem, adulto e velho. A organização do discurso aponta para um sistema cronológico, mas orquestrado pelo fio condutor: o trabalho na vida, e como esse conteúdo existencial e social ocupou espaço, tomou-lhes tempo, trouxe-lhes novas visões e perspectivas.

Enfim, é por meio das reminiscências destes velhos trabalhadores que nos propusemos a conhecer mais sobre a velhice de quem viveu do trabalho produzido com as mãos, com a precisão do olhar, com o prumo de cada movimento, com o corpo todo. Neste envolvimento do corpo com o trabalho, o pequeno aprendiz é iniciado no ofício passando pelo ritual do “dedo amarrado”, que consiste na modulação da mão do alfaiate para manusear a agulha revestindo o dedo médio com o dedal de alfaiate. Voluntarioso, o aprendiz se punha a moldar-se para o ofício, a moldar a mão para que, a partir dela, simbolicamente, ele recebesse o passaporte, o ingresso, estivesse finalmente apto a entrar no ofício. Crendo numa capacidade singular das mãos transportarem uma grande força persuasiva, o historiador da Arte, Focillon (1943) dedicou um capítulo inteiro de seu livro *A vida das formas* para um “Elogio da mão”:

[...] A face humana é sobretudo um composto de órgãos receptores, enquanto a mão é ação, agarra, cria e, por vezes, dir-se-ia mesmo que pensa. Em repouso, não é um instrumento sem alma, abandonado sobre uma mesa ou pendendo ao longo do corpo: o hábito, o instinto e a vontade de agir meditam nela e não é necessário um grande esforço para se adivinhar o gesto que vai executar[ ...] Que qualidade é esta que faz que um órgão mudo e cego possa comunicar conosco com tanta força persuasiva? É porque se trata de um dos mais originais e diferenciados, como o são as formas superiores de vida. (Focillon, 1943: 108).

Nesta linha reflexiva lançamos algumas indagações, a saber: tomaríamos o trabalho como um conteúdo que pauta as elaborações das memórias do velho que viveu a sociedade do trabalho, notadamente a sociedade ocidental do século XX? Ou esta característica constitui-se uma marca de quem sobreviveu pelo trabalho artesanal, o trabalho feito com as mãos? Ou ainda, a marca de falar de si pelo viés do trabalho apareceria apenas nesta geração de idosos de nossa pesquisa quase sejam: velhos, do gênero masculino, nascidos em famílias numerosas, que migraram do campo para a cidade e entraram no ofício da alfaiataria como forma de sobrevivência e de contribuir para o sustento de suas famílias?

A análise dos dados coletados com os alfaiates – por meio dos relatos de vida – possibilitou-nos identificar a força demarcatória da temática *trabalho*, como sendo um

elemento que monopoliza o *ethos* do discurso sobre as histórias de vida. Isto decorre da forma como estes trabalhadores organizam seus relatos, seja quando falam de suas memórias da infância, seja quando abordam a juventude, ou rememoram eventos de vida. A análise atenta dos relatos, produzida com o auxílio de Esquemas de Leitura<sup>4</sup>, em conjunto com a análise das transcrições, dão relevo ainda à percepção que o homem velho pode trazer para as oportunidades de reconstrução de um denso repertório de vida, conjugando a individualidade com o viver em grupo, dentro de contextos socioculturais mais amplos.

Além de evidenciarem o fato de que o indivíduo constrói sua identidade tendo como referência a ocupação ou o papel profissional, os velhos alfaiates ofereceram informações de grande relevância para a compreensão de questões ligadas à presença do ofício nas cidades, às estratégias de inserção do homem do campo no meio urbano e, sobretudo como a condição de trabalhadores artesanais – na maior parte do tempo, como autônomos – lhes proporcionou inserção social e afirmação como cidadãos, assegurando-lhes um papel claro e definido de provedores de suas famílias.

Mais que admitir a presença central da vida laborativa no organismo social, procuramos pensar que *o ser velho*, por ter demarcado em sua trajetória a carga expressiva da vivência do trabalho, pode ofertar para o campo investigativo do envelhecimento, a palavra, esta como signo para representação de sua trajetória e vivências. E a palavra, ou a linguagem, numa dimensão mais ampla, revestida por um caráter sinalético – na forma narrativa – atua como um importante meio de acesso e interpretações a questões próprias de quem emprestou o corpo, a mente, a subjetividade e todos os seus recursos biológicos e psíquicos para gerar a configuração de um ser social específico. Este ser social está identificado e comprometido com uma atividade que o define e que o insere no cosmos social.

---

<sup>4</sup> Demarcações gráficas, propostas pela autora, produzidas por meio de *softwares* de criação e tratamento de imagens (arte digital) que possibilitam a visualização das temáticas em formato de representações artísticas.

## Referências

- Arendt, Hanna (1981). *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense.
- Bobbio, N. (1997). *O Tempo da memória*. Rio de Janeiro: Campus.
- Castells, Manuel (1999/2005). *A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura* (v. 1, 8ª ed.) São Paulo: Paz e Terra.
- Debert, Guita Grin. (1998). A Antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: Barros, Myriam Moraes Lins de (org.) *Velhice ou Terceira Idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas: 49-67.
- Déjourns, Christophe (1992). *A Loucura do Trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. (Paraguay, Ana Isabel & Ferreira, Lúcia Leal, Trad.). (5ª ed. ampliada). São Paulo: Cortez/Oboré.
- Delamotte, Eric. (2002). Criação e trabalho: um mapeamento de análise identitária. In: Pérez e-Silva, M. Cecília e Faíta, Daniel (orgs.). (Polegatto, Inês & Rocha, Décio, Trad.). *Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França*. São Paulo: Cortez: 98.
- Frankl, Viktor. E. (2006). *Em busca de um sentido para a vida. Um psicólogo num campo de concentração*. Rio Grande do Sul: Sinodal.
- Freire, Sueli Aparecida & Resende, Marineia Crosara de. (2001). Sentido de vida e envelhecimento. In: Neri, Anita Liberalesso (org.) *Maturidade e Velhice – Trajetórias individuais e socioculturais*. Campinas, SP: Papirus. (Coleção Vivacidade).
- Focillon, Henri. (1943). *A vida das formas. Arte e Comunicação*. Lisboa, Portugal: Edições 70.
- Peixoto, Clarice E. (1998). Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso e terceira idade... In: Barros, Myriam Moraes Lins de (org.) *Velhice ou Terceira Idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas: 81.
- Pollak, Michel. (1992). Memória e Identidade Social. In: *Estudos Históricos*, 5(10). Rio de Janeiro: 200-12.
- RUSSEL, Bertrand (2002). *O elogio ao ócio*. (Pedro Jorgensen Júnior, Trad.). Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

Data de recebimento: 16/10/2009

Data de aceite: 19/11/2009

---

**Marta Eugenia Fontenele Pimenta** - jornalista, professora e mestre em Gerontologia pelo Programa da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, autora da dissertação: *Memórias de Alfaiates – significados de vida e trabalho*. E-mail: marta.fontenele@gmail.com